

**A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL EM NARRATIVAS
ORAIS DO PROJETO FILOLOGIA BANDEIRANTE:
PERCURSOS HISTÓRICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Maiune de Oliveira Silva (UFCat)
maiune20@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal descrever os contextos de realização do processo de vocalização da lateral palatal [ʎ] como [j], bem como arrolar algumas hipóteses que justifiquem a realização do fone [ʎ] como [i] em quatro narrativas orais que constituem o acervo do projeto Filologia Bandeirante. As hipóteses que nortearam o trabalho foram as de que a variante [j] será mais utilizada pelos narradores que a variável [ʎ] e que, em sílaba aberta pela vogal [i] (Cf. CALLOU; LEITE, 2003), haverá maior propensão ao uso daquela variante, em detrimento de outras vogais, devido ao fato de elas possuírem traços idênticos. No que tange à metodologia, realizamos a transcrição das narrativas e extraímos os vocábulos que sofreram o processo supra-mencionado, para uma análise de cunho quantitativo e qualitativo, perscrutando-se quais variantes foram mais recorrentes na fala dos narradores. O aporte teórico deste trabalho constituiu-se das publicações de Camara Jr. (1979), Cagliari (2007), Silva (2011), dentre outras que versam sobre o tema.

Palavras-chave:

Vocalização. Narrativas orais. História da língua portuguesa.

ABSTRACT

This academic work focused mainly on describing the contexts of the palatal lateral vocalization process [ʎ] as [j], as well as to list some hypotheses that justify the realization of the phone [ʎ] as [i] in four oral narratives that constitute the collection of the Bandeirante Philology project. The hypotheses that guided this study were that the variant [j] will be more used by the narrators than the variable [ʎ], and that in open syllable by the vowel [i] (Cf. CALLOU; LEITE, 2003) there will be a tend to use that variant, to the detriment of other vowels, due to the fact that they have identical features. As far as the methodology is concerned, the transcription of the narratives was carried out by us and we also extracted the words that have undergone the above mentioned process, for a quantitative and qualitative analysis, examining which variants were most recurrent in the narrators' speech. The theoretical contribution of this academic work was made by the publications of Camara Jr. (1979), Cagliari (2007), Silva (2011), among others that examine the theme.

Keywords:

Vocalization. Oral narratives. History of the Portuguese language.

1. Reflexões introdutórias

“Vícios de fala

Para dizerem milho, dizem mio | Para melhor, dizem mió | Para pior, pió | Para telha, dizem teia | Para telhado, dizem teiado | E vão fazendo telhados.” (ANDRADE, 1971, p. 47)

A epígrafe supramencionada ilustra a temática do artigo em tela, qual seja, a vocalização da consoante lateral palatal, realizada como a semivogal palatal [j], em narrativas orais gravadas por pesquisadores do projeto Filologia Bandeirante, entre os anos de 1996 e 2000, as quais compuseram o *corpus* do trabalho dissertativo de Oliveira-Silva (2017).

Cabe dizer que esse processo fonológico realizou-se de modo frequente nas narrativas de pessoas que, à época das gravações, moravam no interior dos estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso – estados que serviram de rota para os bandeirantes – e enquadravam-se no seguinte perfil: ter mais de sessenta e cinco anos de idade, ter ínfimo ou nulo grau de escolaridade, ser nativo das cidades interioranas, onde foram gravadas as narrativas ou que tivessem se mudado para essas regiões ainda na infância e que tivessem pouco ou nenhum contato com a cultura de massa (Cf. COHEN *et al.*, 1997). Evidenciamos que as narrativas dos senhores e senhoras que tinham o perfil descrito acima foram transferidas para mídias digitais e, gentilmente fornecidas pelos idealizadores do projeto para que a pesquisa de Oliveira-Silva (2017) fosse realizada.

De posse de uma dessas mídias, o nosso intuito inicial era escolher um narrador de cada estado que serviu de rota para os bandeirantes, mas o CD a que tivemos acesso, o de número um, não contemplava narrativas do estado do Mato Grosso. Por isso, optamos por analisar as narrativas de um casal de Goiás, dois senhores de Minas Gerais e um senhor de São Paulo. A predileção por dois narradores de Minas Gerais não foi fortuita, haja vista que eles eram os mais velhos, e uma de nossas hipóteses era de que, em suas falas, haveria uma maior preservação do falar da época em que os bandeirantes passaram por ali fazendo expedições (Cf. OLIVEIRA-SILVA, 2017).

De modo a preservar as identidades desses senhores e evitar constrangimentos de qualquer natureza, utilizamos códigos específicos para identificá-los. Assim, o grafema N designa o narrador; F ou M diz respei-

to ao gênero, o número cardinal inserido na sequência indica a idade e as siglas GO, MG e SP referem-se aos estados em que eles moravam. Desta feita, a sequência N1M75GO e N2F78GO dizem respeito à narradora de número um e ao seu esposo, que, à época, tinham setenta e cinco e setenta e oito anos, respectivamente, eram moradores no estado de Goiás e que juntos constituíram uma única narrativa (Cf. OLIVEIRA-SILVA, 2017).

Frisamos, ainda, que o objetivo geral da pesquisa era investigar quais foram os processos morfofonológicos vocálicos realizados por esses narradores. Aqui, por ser um recorte de nosso trabalho dissertativo, o nosso objetivo é analisar a vocalização da lateral palatal conforme os contextos de realização e levantar algumas conjecturas que visem a fundamentar a realização de [ʎ] em [j] pelos narradores. As nossas hipóteses são de que, na fala dos narradores, a ocorrência da variante [j] é maior do que a ocorrência de [ʎ] e que vocábulos que tenham a vogal <i> na sílaba precedente sejam mais propensos a essa realização, porquanto os segmentos possuem o mesmo traço de realização.

Cabe dizer, também, que estudos desta natureza são importantes, pois contribuem para diminuir cada vez mais o preconceito linguístico existente por parte de quem ainda usa a variante [j] em vez de [ʎ], uma vez que esse fenômeno sempre foi comum na linguagem popular roceira e ainda hoje faz parte da fala de pessoas escolarizadas em momentos informais.

A Fonologia é uma disciplina que “investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional. Determina a distribuição dos sons e o contraste entre eles, com ênfase na organização do sistema sonoro” (SILVA, 2011, p. 110). Nesse sentido, ela nos ajudará a interpretar o(s) contexto(s) que facultam a realização do fone [ʎ] em [j].

Já a Sociolinguística variacionista possibilitará compreender que a língua não é uma estrutura pronta e acabada, mas um fator social que se transforma e muda ao longo do tempo (Cf. COELHO *et al.*, 2015). Labov (2008) ressalta que algumas dessas variações ocorrem apenas uma vez e extirpam-se; outras são recorrentes e podem concorrer com formas mais antigas, até que a geração de falantes escolha a forma mais usual, deixando a outra forma em segundo plano.

A pesquisa é de cunho qualitativo e quantitativo e se ancora nos pressupostos teóricos da Fonologia e da Sociolinguística Variacionista. Desta feita, ancoramo-nos em autores como, Zágari (1988), Cagliari (2007), Labov (2008), Williams (2008), Silva (2011), entre outros. O tra-

balho será estruturado da seguinte maneira: a princípio, teceremos breves considerações acerca do uso do fone [j] no português brasileiro, à luz de autores que abordam esta temática, *a posteriori*, discorreremos sobre os pressupostos metodológicos, por conseguinte, faremos a análise dos dados, observando quais fatores favoreceram a vocalização da palatal e com qual frequência e teceremos as considerações finais, considerando os dados que foram levantados no artigo.

2. Breves considerações acerca da transformação da lateral palatal [ʎ] no fone [j] no português brasileiro (PB)

A consoante lateral palatal é produzida quando há a obstrução do fluxo de ar motivada pelo encontro da lâmina da língua contra o palato duro, ocorrendo, assim, o escape lateral da corrente de ar. Quando o ar é obstruído pela língua, a consoante adquire a qualidade de vogal (Cf. SILVA, 2011). A autora explica, ainda, que, no português brasileiro, as consoantes laterais palatais podem sofrer lenição e serem articuladas como consoantes alveolares ou dentais palatalizadas, que são representadas pelo símbolo [lʲ] – um vocábulo como “velha” pode ser pronunciado como [vɛlʲɐ] – ou podem ser articuladas com um glide palatal, que tem por símbolo [y], no qual aquele vocábulo pode ser proferido como [vɛjɐ].

Williams (1961) destaca que a realização do fonema /li/ precedeu a palatalização na passagem de vocábulos do latim para o português: “miliū > milho; marabilia > maravilha” (WILLIAMS, 1961, p. 47). Em Nunes (1970) e Zágari (1988) é possível encontrar mais exemplos, os quais corroboram que a junção de /l/ e /i/, seguidos de vogais, transformou-se em [ʎ] no português. Zágari (1988) exemplifica essa transformação com o vocábulo “ervilia > ervilha” (ZÁGARI, 1988, p. 86) e Nunes (1970) o faz por meio do vocábulo “muliēre > muliēre > mulher”. Este autor (1970) ainda faz o percurso histórico deste vocábulo ao demonstrar que o primeiro pertencia ao latim clássico, o segundo ao latim corrente⁵ e o terceiro ao português. Huber (1933) assinala que o grafema <lh> foi encontrado pela primeira vez na língua portuguesa em um documento de Avis (Alentejo), de 1269, em vocábulos como “navalha” e “concelho” (Cf. HUBER, 1933).

⁵ Lançamos mão da expressão “latim corrente” em detrimento de “latim vulgar” com base em Nunes (1970) ao dizer que essa última foi criada numa época que a língua corrente (isto é, a língua popular usada pela baixa camada social) era subestimada, por isso havia juízo de valor empregado na expressão.

Pontes (1972) conjectura que, no português brasileiro, [lʲ] e [i] são formas concorrentes, isto é, utilizadas em um mesmo contexto e sem alteração de sentido pelos falantes. A esse respeito, vale destacar que, no material em estudo, encontramos ambas as formas na fala de um mesmo narrador, o de número três, na qual se nota o uso dos vocábulos “família” e “fámia”. Além disso, inferimos que na fala cotidiana, em situações que não exigem monitoramento, ambas as formas são utilizadas.

No que tange ao processo conhecido como vocalização, evidenciado nos exemplos supracitados, Silva (2011, p. 220) define-o como um “fenômeno fonológico de alteração de uma consoante para vogal. (...) a vocalização da lateral palatal pode ser ilustrada na palavra palha, pronunciada como [payʲ]”.

Amaral (1920) diz que a troca de [lʲ] por [j] é uma característica do dialeto caipira e que ela fora propagada pelo interior do Brasil colônia quando os bandeirantes paulistas fizeram expedições por essas trilhas. Ainda nos rastros do autor (1920), compreende-se que “a consonância palatal molhada lh não existe no dialecto [caipira]” (AMARAL, 1920, p. 22). Ante o exposto, não seria incoerente pensar que o fone [j], utilizado pelos narradores deste estudo, teria sido um resquício dos falares dos bandeirantes quando eles passaram pela chamada rota caipira em busca da extração de minérios preciosos e de aprisionamentos de autóctones.

Todavia, Melo (1975) preconiza que tal processo já era comum nas línguas românicas, razão pela qual os falantes de língua portuguesa apenas continuaram reproduzindo um modo de falar dantes. Nas palavras do autor (1975, p. 81), compreendemos que a “transformação do lh > y é românica, podendo-se, pois, explicá-la sem pedir interferência da ‘língua geral’ ou dos idiomas africanos”. Silveira Bueno (1963) também endossa que a vocalização do [ʎ] foi comum em quase todas as línguas românicas, mas a atribui à influência africana ao evidenciar a presença deste fenômeno nas línguas cabo-verdianas, guineenses, da Ilha de São Tomé. De maneira similar, o autor (1963) indica a presença do mesmo processo nos dialetos navarrês e catalão, sendo neste último denominado de *ipsilonismo* e também de *yeísmo*.

Em que pese a presença desse fenômeno em outras línguas, Melo (1975) alega que, muito provavelmente, ele tenha se espreado no português brasileiro por influência de índios e de africanos ou pelo fato de este processo ser mais comum nas “zonas mais africanizadas” (MELO, 1975,

p. 81) e também porque os negros não pronunciavam o fone [ʎ] com perfeição acústica (Cf. SILVA NETO, 1979).

Mendonça (2012), por seu turno, acredita que o maior influenciador da vocalização da palatal foi o africano, haja vista que, segundo ele, o índio não chegou a habitar Portugal, diferentemente dos negros, que chegaram a ser reconhecidos neste País. Contudo, não se pode confirmar se, de fato, a influência africana tenha sido tributária para a realização desse fenômeno.

3. Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização do estudo em tela. As narrativas foram gravadas por pesquisadores do projeto interinstitucional Filologia Bandeirante, coordenado pelo professor Doutor Heitor Megale, da Universidade de São Paulo (USP). Equipes compostas por professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e da Universidade de Mato Grosso (UFMT) saíram em busca de senhores e senhoras com um perfil definido, a saber: ter mais de sessenta e cinco anos, ter pouca ou nenhuma escolaridade, ter sofrido pouca ou nenhuma influência da cultura de massa e ser morador da região interiorana desde o nascimento ou ter se mudado para ela ainda infante. Estabelecer esse perfil auxiliou os pesquisadores a recolherem um material linguístico que atestasse a preservação da língua falada oral herdada na época das bandeiras, quando eles passaram nos estados de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso fazendo expedições (Cf. OLIVEIRA-SILVA, 2017).

As entrevistas duraram entre vinte e cinco e cinquenta e cinco minutos e foram gravadas sem seguir um questionário elaborado previamente, embora os pesquisadores levassem algumas perguntas prontas como forma de desinibir o entrevistado no primeiro contato. Escolhemos quatro narrativas para compor o *corpus* da pesquisa, excetuamos Mato Grosso, porque a mídia digital que tivemos acesso não tinha narrativas desse Estado. Tivemos preferência pelos narradores mais velhos de cada estado, por conjecturarmos que suas falas apresentavam características da língua usada pelos bandeirantes (Cf. OLIVEIRA-SILVA, 2017).

Transcrevemos as narrativas graficamente e extraímos delas todos os vocábulos que possuíam a lateral palatal [ʎ] e sua variante [j], depois

transcrevemo-los foneticamente na tentativa de chegar mais próximo da fala dos narradores. Encontramos um total de 40 (quarenta) ocorrências de [ʎ] e 121 (cento e vinte e uma) ocorrências de [j].

Para este trabalho, consideramos as variáveis grupo socioeconômico, faixa etária e escolaridade. Não consideramos gênero, porque temos uma amostra pequena de informantes. Não foi nosso intuito realizar um cotejo com a escrita, pois nosso *corpus* é oral, embora saibamos que, não raras vezes, esse processo fonológico ocorre na escrita de alunos que estão aprendendo a ortografia e embasa na oralidade para escrever. De maneira similar, não realizamos o cotejo da fala desses narradores com a geração mais nova, pois não temos narrativas desse grupo e é sabido que há uma tendência dos mais jovens em utilizar a variante palatal, pelo fato de eles terem mais escolaridade e por ela ter sido elegida como preferencial pelo grupo ao qual pertence.

4. A vocalização em narrativas orais do filologia bandeirante: análise dos dados

Antes de nos atermos especificamente aos vocábulos que sofreram vocalização da lateral palatal nas narrativas em estudo, cabe ressaltar que “a palatalização sempre foi uma mudança condicionada por ambientes fonológicos particulares (...)” (CAMARA JR., 1979, p. 50), pois pode haver alteração no sentido dos vocábulos. Exemplificamos os dizeres desse autor com o vocábulo *telha* > *teia*. Já Chaves e Melo (2009) consideram que a variação entre [ʎ] e [j] constitui um fato fonético, pois nem sempre ocorre modificação no sentido do vocábulo, mostrando apenas como o segmento [ʎ] é articulado no aparelho fonador dos narradores em questão, isto é, uma propriedade física da articulação, como em: “mulher > muié”; “filho > fii ~ fio”, dentre outros.

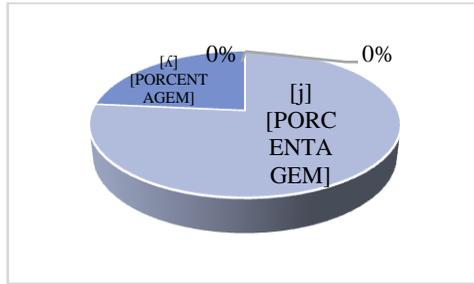
Refletindo sobre as teorias apresentadas, conjecturamos que a vocalização da lateral palatal não deve ser avaliada sob a ótica da cisão, como propuseram os autores supramencionados, haja vista que a depender do contexto de realização do vocábulo a fusão entre os níveis fonético-fonológico torna-se inevitável.

Silva (2011, p. 146), ao ponderar sobre as consoantes líquidas, no que diz respeito ao espectro acústico, revela que elas “(...) apresentam características formânticas análogas às vogais adjacentes”. À esteira da autora (2011), compreende-se que elas agregam, tradicionalmente, as con-

soantes laterais [l], [ʎ] e [ʎ] e os róticos [r], [r̃], [x], [ɣ], [h], [ɦ], [j]. Nesse sentido, percebe-se o quão instáveis são as consoantes líquidas dentro do contexto silábico; todavia, cabe ressaltar que essa instabilidade não ocorre de maneira aleatória, ela é regular, previsível e condicionada pelo contexto de uso.

Dito isso, parece-nos oportuno demonstrar, por meio do gráfico abaixo, a distribuição geral das variantes [ʎ] e [j] nas narrativas.

Gráfico 1: Distribuição das variantes /[ʎ] e [j] nas narrativas em estudo.



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Nas narrativas em questão, encontramos um total de 161 (cento e sessenta e uma) ocorrências de vocábulos com [ʎ] e sua variante [j]. Lembrando que a lateral palatal [ʎ] reprisou em 40 (quarenta) vocábulos e a vogal [j] ocorreu em 121 (cento e vinte e um).

Consoante aos elementos apresentados no gráfico, a variante [ʎ] ocorreu em 24% dos vocábulos. Nesse sentido, cabe salientar que o fone [ʎ] na primeira narrativa foi recorrente 11 (onze) vezes; na segunda narrativa, 10 (dez) vezes; na terceira narrativa também 10 (dez) vezes e na quarta narrativa, 9 (nove) vezes.

A variante [j], por seu turno, foi recorrente em 76% das ocorrências, somando 121 (cento e vinte e um) vocábulos no total. Consoante às suas recorrências, deparamo-nos com 43 (quarenta e três), na primeira narrativa; 20 (vinte), na segunda; 29 (vinte e nove), na terceira e na quarta narrativa, também, 29 (vinte e nove).

Ainda foi possível observar nas narrativas que as laterais palatais tiveram tendência a transformar-se em vogais nas falas dos narradores, alguns casos como semivogal e outros como vogal. A seguir, apresentamos alguns vocábulos extraídos das narrativas e, para melhor visualiza-

ção, expomos as suas versões canônicas, seguidas de suas variantes e essas seguidas de suas transcrições fonéticas:

Tabela 1: transcrições dos vocábulos.

Vocábulos transcritos de acordo com a norma padrão	Variantes realizadas pelos narradores	Transcrição fonética das variantes realizadas pelos narradores
Trabalhei	Trabaiei	[trabajej]
Joelho	Juei	[jucej]
Filharada	Filharada	[fiaradɐ]
os olhos	Uzói	[uzoj]
Mulherada	Muierada	[mujeradɐ]
Tulha	Túia	[tuje]
Agulha	Águia	[aguje]

Fonte: Elaborado pela autora.

Cagliari (2007) explicita que os sons de um vocábulo podem ser modificados a depender do contexto silábico em que se encontram, embora esta não seja uma regra fixa. Destarte, tanto a assimilação, quanto a dissimilação de fonemas vizinhos dentro de um mesmo vocábulo podem ser fenômenos bastante comuns.

Silva (2011), por seu turno, assinala que as vogais altas [i] e [u] e seus respectivos glides [j] e [w] têm a mesma estrutura de traços, o que os difere são as posições que ocupam na sílaba: enquanto os primeiros constituem o núcleo silábico, os glides aparecem às margens nas sílabas, no *onset* pré-vocálico ou na coda pós-vocálica. Cagliari (2007) ao analisar os ditongos e as semivogais conclui que “a análise de ditongos em vogais e semivogais é um artifício fonológico. Assim, foneticamente, o final do ditongo [ai] da palavra ‘cai’ é tão silábico quanto o final da vogal [a] da palavra ‘cá’” (CAGLIARI, 2007, p. 72).

Na tabela a seguir, demonstramos as ocorrências das variantes [j] e [ʎ] antes de vogais no *corpus* analisado.

Tabela 2: Frequências e ocorrências dos fones [j] e [ʎ] nas narrativas.

Vogais	Exemplo de vocábulos	Ocorrências do [j]	Ocorrências do [ʎ]
[a]	Trabalho	45	19
[e]	Relho	39	6
[i]	Filho	4	4
[o]	Olho	27	8

[u]	mulherada	6	4
Total:	-	121	41

Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados da tabela demonstram que a nossa hipótese inicial, qual seja, que haveria maior realização da variante vocalizada antes da vogal /i/ não se justifica, haja vista que a maior realização da variante vocalizada [j] ocorreu diante da vogal [a], porquanto teve-se 45 (quarenta e cinco) ocorrências, seguida da vogal [e], com 39 (trinta e nove) ocorrências, da vogal [o], com 27 ocorrências. Em menor proporção, consta a vogal [u], com 6 (seis) ocorrências e a vogal [i], com apenas 4 (quatro). Deduzimos que a variação observada na comunidade de fala pode caracterizar-se como um padrão que se repete apenas nessa geração devido ao baixo grau de instrução formal e à faixa etária, pois, certamente, as gerações mais novas utilizam a lateral palatal.

No que tange aos fatores linguísticos, observamos que a tonicidade, isto é, tanto as vogais átonas quanto as tônicas favoreceram essa realização. A esse respeito, Pinheiro (2009) afirma que

[...] quanto mais distante o segmento estiver da sílaba tônica, mais suscetível à variação estará. Além disso, estudos sobre a aquisição da linguagem destacam a vulnerabilidade da sílaba átona, sendo a mesma mais propícia a processos fonológicos. (PINHEIRO, 2009, p. 46-7)

Outro fator linguístico foi o tamanho da palavra. Soares (2008) explicita que quanto maior a palavra, mais propensão ela tem em realizar a variante [j]. O que percebemos foi que principalmente dissílabos e trissílabos tendem a realizar esse processo fonológico, independentemente da vogal que o antecede. Essas constatações derrubam a hipótese inicial que tínhamos, isto é, a de que a vocalização ocorreria mediante vogais [i] pelo fato de terem o traço idêntico.

O fonema /k/ também esteve presente quando as sílabas foram precedidas pelas vogais [a], [e], [i], [o] e [u], como em *trabalha* [tr.a.ba.ɫo], *relho* [re.ɫo], *filho* [fi.ɫo], *olho* [o.ɫo] e *mulherada* [mu.ɫe.ra.dɐ]. Pressupomos que esta realização se justifica pelos mesmos motivos que apontamos acima.

No que tange à tonicidade da sílaba, a variante vocalizada [j] esteve presente em posição pretônica, como em “trabalhar > trabaiá”, em posição tônica, como em “trabalho > trabai”, “filho > fi”, “colhia > cuiá” e em posição postônica, como em “tulha > tuia” e “milho > mii”. Em posição pretônica, tivemos 15 (quinze) recorrências, em posição tônica,

86 (oitenta e seis), em posição postônica encontramos 32 (trinta e dois) casos.

É importante mencionar que Wetzels (1992) considera a líquida palatal um segmento complexo, porquanto sua estrutura interna é composta por uma articulação primária consonantal e uma secundária vocálica. O contexto seguinte [+ coronal] atua na despalatalização, apagando a articulação secundária ou, mais precisamente, a aproximante palatal gerada na despalatalização.

Em outro texto, Wetzels (2000) sublinha que essa consoante é uma geminada fonológica, haja vista que as sílabas que precedem a soante palatal são sempre leves e acabam criando um hiato na sequência vogal + vogal alta que precedem /ɲ, ʎ/, a exemplo de “rainha” e “graúilha”. Ademais, quando /ɲ, ʎ/ estão no *onset* da última sílaba, o acento não pode recair na sílaba anterior a ela, a exemplo de “faúilha” (*fáulha).

Os dados apontam que as posições tônica e postônica favoreceram uma realização mais expressiva da vocalização da consoante em questão, ao passo que a posição pretônica parece não ser sido um contexto favorável para tal. Frisamos que a alternância entre a consoante lateral palatal [ʎ] e a sua variante vocalizada [j] foi frequente entre todos os narradores. Vejamos exemplos retirados das narrativas em questão, nos quais houve a realização de ambas as variantes.

Quadro 1: Exemplos de vocalização da palatal.

É, a gente plantava as roça, cuia os mantimento do gasto, criava poico, tinha carne, tinha tudo, né? E agora não, aqui é tudo é no dinheiro, né. (N1F75GO; N2M78GO).
O primero dia que meu avô me levô pa roça pra trabaiaí , eu num queria i[r] não. Eu dei ùa dor de barriga de mamparra, né [...] (N3M92MG).
A minha tia, ela tinha sete filhos; o marido dela, coitada, acho que tev' ùa descabeçaria quarqué lá e ele foi Salão de Rei. Naquele tempo era muito difícil um salão de rei. Comprô estracnina e trouxe e deu pra muie e falou: <i>oh, esse lumbriguero, nós temo que dá aos nossos fio amanhã, e nós também vamo tomá.</i> (N4F90MG).
É. Tá [com quarenta ano] qu'eu moro aqui. Trabaiei no (...), trabaiei no (...) servino de pedrero, de carpintero, ajudano no caminhão, mar num deu certo, eu num gostava. (N5M75SP).

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 2: Exemplos de realização da consoante palatal.

(<i>incompreensível</i>) meu pai, nós rezava o terço de joelho ali, ó. A mulherada e os fi tudo, tudo cantano. Agora, hoje, mudô tudo, né? (N1F75GO; N2M78GO).
Aqui, aquele rapaiz que foi me chamá lá é fi meu, né. Mais aquele inxuga um gole. Aqui, ó, filha , aqui, tudo aqui corre por minha conta. (N3M92MG).

[...] Não, a minha tia num morreu não. Ela tamém tomou o remédio, mas ela ficou munto ruim, coitada. Perdeu a mimória, ficou aquela coisa toda. Foi muito cuidada, médico do salão de rei que vinha aqui pra cuidá, né, dela, né. Afí ela, Deus ajudô ela **milhorô**. (N4F90MG).

Lá na frente. E o, o caçula 'tá cum vinti e cinco ano, vinti seis, mora ali. E oto mora aqui, e oto mora l'embaxo. (*incompreensível*). Tenho nove **filho**. (N5M75SP).

Fonte: Elaborada pela autora.

Por fim, salientamos que, apesar de os narradores morarem em estados e cidades distintos e não se conhecerem, a variante [j] também integra a norma linguística do grupo entrevistado, tal como a lateral palatal [ʎ]. É importante mencionar que os narradores também utilizaram a consoante lateral palatal em alguns momentos das entrevistas, o que deu a entender que eles sabem da coexistência das duas formas. Certamente, a variante vocalizada parece ter sido mais usual dentro deste grupo e a sua forma palatalizada foi decorrente da situação interacional (momento de entrevista para pessoas com maior grau de escolaridade) em que eles se encontravam. Fora desse contexto, aparentemente, a variante [j] será preferencialmente utilizada.

5. Reflexões epilogais

Objetivamos, neste trabalho, analisar os contextos que envolvem a transformação da lateral palatal [ʎ] na variante vocalizada [j], bem como levantar hipóteses que justificassem a realização daquele fone como este. Para tanto, utilizamo-nos de narrativas que serviram de *corpus* para nosso trabalho dissertativo, nível mestrado, as quais foram recolhidas pelos integrantes do projeto Filologia Bandeirante.

Ante isso, fizemos um breve panorama histórico sobre a transformação da lateral palatal [ʎ] no fone [j], no português brasileiro. Deste modo foi possível descobrir que essas variações se iniciaram nas línguas românicas, especialmente no latim corrente e que o português, por ser uma língua derivada daquela, recebeu influência desse modo de falar dantes.

É importante mencionar que conseguimos corroborar a hipótese de que a variante [j] foi mais usada pelos narradores do que o fone [ʎ], todavia, diferentemente do que pensávamos inicialmente, diante de sílabas abertas (Cf. CALLOU; LEITE, 2003) contendo a vogal [a] houve maior realização da variante [j] do que na presença da vogal [i].

Concernente à tonicidade das sílabas, cabe pontuar que as posições tônicas e postônicas propiciaram a realização da variante vocalizada. Nas narrativas em questão, foi possível identificar ocorrências de vocábulos que configuraram ambas circunstâncias. Por fim, vale ressaltar que realizar este estudo foi importante porque ele contribuiu com pesquisas realizadas pela vertente da Sociolinguística, bem como da Fonologia, pois permitiu verificarmos os contextos de realizações da variante [j] e da lateral palatal [ʎ] dentro do contexto silábico, bem como permitiu que levantássemos algumas hipóteses linguísticas para a realização dessas formas concorrentes nas falas dos narradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, [1920] 1976. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 15 mar. 2018.

ANDRADE, Oswald de. Vício na fala. In: _____. *Obras completas [VII Poesias reunidas]*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. p. 47

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de Fonética do português brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHAVES, Lindinalva Messias do Nascimento; MELO, Francisca Eleni Silva de. A despalatalização de /ɲ/ na zona urbana de Rio Branco (AC). *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n. 4, p. 2137-49, Rio de Janeiro: CiFefiL, 2009. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/2137-2149.pdf. Acesso em: 18 abr. 2018.

COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria N. de; GÖRSKI, Edair Maria; MAY, Guilherme Henrique. *Para conhecer sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015.

COHEN, Maria Antonieta Amaral de Mendonça *et al.* Filologia bandeirante. *Filologia e linguística portuguesa*, p. 79-94, São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59647/62743>. Acesso em: 15 mar. 2016.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

LABOV, Willian. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MELO, Gladestone Chaves de. *A língua do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1975.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: FUNAC, 2012. Disponível em: http://funag.gov.br/loja/download/983-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf. Acesso em: 10 mar. 2018.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e Morfologia)*. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica editora, 1970.

OLIVEIRA-SILVA, Maiune de. *Vocalismos em narrativas orais nas trilhas do Filologia Bandeirante*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Catalão, 2017. 213f.

PINHEIRO, Neffer Luiza de Aguiar Pinheiro. *O processo de variação das palatais lateral e nasal no Português de Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. 142f.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972. Disponível em: <https://ffclm.files.wordpress.com/2013/04/capc3adtulo-anc3a1lise-fonc3aamica-de-eunice-pontes.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

SANTOS, Karoline Biscardi. *Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. 76f.

SILVA, Thaís Cristóforo. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. Colaboradoras: Daniela Oliveira Guimarães e Maria Mendes Cantoni. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Estudos de Filologia Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1963.

SOARES, Eliane Pereira Machado. *As palatais lateral e nasal no falar paraense: uma análise variacionista e fonológica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2008. 187f.

WETZELS, Willem Leo. Mid vowel neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos linguísticos*, n. 23, p. 19-55, 1992.

_____. Consoantes palatais como geminadas fonológicas no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. v. 9, n. 2, p. 5-15, 2000.

WILLIAMS, Edwin Bucher. *Do latim ao português*. Trad. de Antônio Houaiss. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1961.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. *Fonologia diacrônica do português*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.